

ANTÍGONA 2084

de José Rubens Siqueira
a partir do original de Sófocles

2013

PERSONAGENS

ANTÍGONA

ISMÊNIA

CREONTE/ COVEIRO/TIRÉSIAS

HÊMOM/ FILHO

JUÍZA PRESIDENTA

JUIZ RELATOR

JUIZ REVISOR

GUARDA MENSAGEIRO

GUARDA UM

GUARDA DOIS

MANIPULADOR UM

MANIPULADOR DOIS

LOCUTOR DE TELEJORNAL

VOZ DO CORO

PRÓLOGO

No jardim de entrada do teatro.

Motor de caminhão muito barulhento começa a funcionar, os faróis se acendem. Iluminam corpos no chão, uns cobertos por jornais, outros cobertos com casacos e outras peças de roupa.

O Coveiro e seu Filho entram, um com uma enxada, o outro com uma pá.

FILHO – Por que trouxeram a gente aqui? Podia levar os corpos pro cemitério, enterrava lá. Que que é aqui?

O Coveiro não responde, passa pelos corpos sem olhar. Acende um cigarro, cospe nas mãos, esfrega, prepara-se para começar a cavar.

FILHO – Quem que é essa gente? *(levanta um jornal para olhar, o pai impede)*

PAI – Deixa. Vamo acabar logo com isso aqui.

FILHO – Mas quem que é?

PAI – Melhor não perguntar.

FILHO – Os guarda tão ali no caminhão. Eles sabe, não sabe?

PAI – *(retendo o Filho com um gesto)* É uns mendigo. Pessoal da cracolândia aí. Fugiram da batida da polícia, caminhão atropelou.

FILHO – *(ergue um jornal, olha o morto)* Esse daqui não é mendigo, pai.

PAI – Como você sabe?

FILHO – As roupa, o cabelo... É gente de família.

PAI – Deixa.

- FILHO – Também não parece atropelado, não. Parece mais espancamento... (*pequeno sobressalto, baixa a voz, sussurra*)
Pai! Este daqui tá com um tiro do lado da testa!...
- PAI – Deixa, filho. Falei pra não olhar. Os guarda tá aí perto.
- FILHO – O senhor acha que é os manifestante? Os pessoal da passeata?
- PAI – Não sei.
- FILHO – Disseram que tavam prendendo os cara. Mataram?!
- PAI – Não sei. Melhor não saber.
- FILHO – Isso daqui não é bandido, nem mendingo, nem viciado, não, pai. Eles deve de ter pai, mãe, irmão...
- PAI – É. Até filho pode ter...
- FILHO – Mataram eles, pai?
- PAI – Que que interessa se mataram, se morreu? A gente não tem nada que ver com isso. Cave e cala boca.
- FILHO – Eu quero saber! Por que que mataram? Por que nós tem que enterrar no meio da noite? Quem que é? Quem que é? Esse daqui deve de ser mais novo de que eu! Acho que conheço ele. Vi na televisão falando as ideia dele. Tudo arreventado. Bateram nele, pai. Muito. Muita pancada. Por que?
- PAI - Não pergunte.
- FILHO – Por que saiu gritando na rua? Eles joga bomba de gás, bala de borracha, desce o cacete, a gente vê, a gente sabe. Mas matar?! Por que que tão matando os cara, pai?
- PAI – Não pergunte. Não pergunte! Cave e vamo embora. Por isso que eu trouxe você e não nenhum colega do cemitério. Não pergunte, meu filho, não pergunte. Você não quer saber. Esqueça!
- FILHO – Eu quero saber! Eu não vou esquecer. Nunca que eu vou esquecer!

Os faróis se apagam.

O público é conduzido para o teatro.

CENA 1

Escuro.

Ouve-se um chiado de televisão fora de sintonia.

Acende-se ao fundo um grande monitor com o chuvisco característico.

Em meio ao chiado, mas com clareza, ouve-se a voz do Coro, vinda de outro tempo.

CORO – O sol da liberdade, em raios fúlgidos brilha enfim sobre a pátria convulsa. Os dias de ordem retomam seu progresso.

Lentamente, abaixo do monitor, a luz mortiça, âmbar, oscilante, ilumina muito lentamente uma miniatura de teatro grego, enquanto a voz gravada do Coro prossegue:

CORO – Vago o trono de Tebas, pela cegueira de Édipo, sucederam-no no mando seus filhos Eteócles e Polinices. Um ano devia cada um reinar sobre sua terra, Eteócles primeiro. Findo esse tempo, recusou-se a entregar o poder a Polinices, primogênito. Que parte, então, de Tebas como seu pai partiu.

Durante a narrativa, uma pequena estátua animada grega, toda branca, entra solenemente no pequeno teatro, coberta com um manto também branco.

Do alto, desce lentamente sobre sua cabeça uma reluzente coroa de ouro e pedras cintilantes.

Junto com a voz chiada do Coro, ouve-se, vindo de longe, um clamor de batalha.

Entra no pequeno palco, um guerreiro grego, branco como de mármore, com armadura, elmo, espada e escudo, pronto para o combate.

O manto e a coroa desaparecem do boneco de Etéocles: por baixo, ele está de armadura, elmo, espada e escudo.

Etéocles e Polinices são idênticos, como um guerreiro diante de um espelho.

Os bonecos lutam ferozmente, enquanto o Coro prossegue:

CORO – Do exílio retorna Polinices à frente de um exército estrangeiro, clamar pela justiça. Resolve-se a batalha em combate singular, morrem os irmãos um pela mão do outro, cumprindo a maldição de Édipo, seu pai.

Morto Polinices, Etéocles marcha para fora de cena, vitorioso.

O corpo de Polinices fica caído no centro do pequeno teatro.

A luz âmbar oscila ainda mais, e se apaga muito lentamente, enquanto o Coro prossegue:

CORO - Lançada ao caos de uma guerra entre irmãos... toda guerra é entre irmãos... uma vez mais poderá Tebas mergulhar na esterilidade. Com mão de ferro, alça-se ao trono, o tio, Creonte, com mão de ferro põe fim ao conflito. Com normas duras, devolve a paz às ruas. Com dura norma, determina o fim dos filhos de Édipo: que Etéocles, morto em defesa da ordem, com todas as honras seja sepultado. O irmão, porém,

Polinices, que cidadão algum por ele chore, insepulto o seu corpo, pasto de cães e aves de rapina. Esse é o decreto de Creonte.

Apaga-se inteiramente a miniatura de teatro grego.

No monitor, o chuvisco, o chiado, e o Coro prossegue:

CORO – Só se conhece inteiramente um homem, corpo, mente, coração, quando se vê no exercício do poder, senhor das leis, guia supremo do Estado.

No monitor, forma-se aos poucos um close do rosto de Creonte, branco de mármore, como uma estátua grega, coroado com a mesma coroa do boneco de Etéocles, olhando de frente.

CORO – Eis Creonte, rei de Tebas após as provações que os deuses nos mandaram, que hoje detém o trono e suas regalias.

A imagem do Creonte grego e branco de mármore se funde lentamente com o close de Creonte contemporâneo.

CORO – Algo o preocupa, pois convocado o plebiscito, é a nós, o povo, que chama para opinar.

A voz do Coro e o chiado desapareceram.

No telão, o close de Creonte.

CENA 2

Entram os três juízes do Supremo com suas togas pretas e ocupam seus lugares à mesa semicircular da cena.

A juíza-presidente ocupa o lugar central.

Diante da mesa, de costas para a plateia, numa cadeira giratória, está sentado Creonte, farda verde oliva, óculos escuros..

É dele o rosto que se vê no telão.

PRESIDENTA – Reabro esta terceira e última sessão plenária para continuidade do julgamento da legitimidade de nomeação do coronel Creonte de Meneceu para o posto de Primeiro Mandatário do país. Passo a palavra ao ministro relator, para as considerações finais.

RELATOR – Egrégio plenário, eminente ministra presidente, perante a excepcionalidade da situação de comoção gerada pela queda do governo anterior, o poder central houve por bem reconhecer o inegável papel restaurador do coronel Creonte de Meneceu que, à frente da força especial de segurança, soube devolver à tutela da norma o bem jurídico supremo da democracia, a paz pública. Agindo com firmeza e utilizando sua vasta experiência nos conflitos armados de 2068, soube o coronel Creonte restaurar o sentimento geral de tranquilidade e paz que garante a ordem jurídico-social. Diante dos extensos arrazoados desta minuciosa ação judicial, ouvidas as razões finais, conclui este Supremo Tribunal que nada obsta a ocupação do cargo de Primeiro Mandatário do país pelo ínclito coronel Creonte de Meneceu, aqui presente. Passo a palavra ao

eminente ministro Revisor para corroboração da decisão deste Tribunal.

REVISOR – Em vista de acontecimentos recentes, da dimensão e frequência das manifestações populares que ora ocupam as ruas, a protestar contra a dureza com que são reprimidas pela força de segurança do governo central, dureza essa que atribuem a ordens diretas do postulante ao cargo de Primeiro Mandatário, coronel Creonte de Meneceu, vejo-me forçado, na posição de ministro revisor deste processo, a submeter nossas anteriores determinações a uma nova consideração, fruto de reavaliação do ocorrido nos últimos dias.

RELATOR – Peço vênua à juíza-presidente deste Supremo, para discordar. A questão já foi devidamente votada, a decisão do Supremo está tomada e não pode admitir volta atrás.

REVISOR – Absolutamente! Enquanto não for anunciada a decisão do Supremo, os votos podem e devem permanecer em suspenso, dependendo de novo exame do postulante.

CREONTE – Eu posso falar?

Um momento de silêncio surpreso.

PRESIDENTE – Sim, coronel, o senhor tem a palavra.

CREONTE – Não sou, nem nunca fui postulante ao posto de Primeiro Mandatário. Na guerra de 2068 fui um soldado combatente. Sou um agente do estado, comandante militar. Cumpri sempre, no melhor do meu entendimento, com o meu dever na repressão ao vandalismo e ao desrespeito da ordem institucional. Meu dever é defender a ordem. Se o povo considerou que fui o pacificador, que devolvi a paz e a ordem

e querem que eu continue o meu trabalho, é meu dever com a pátria atender. Não devo nada a ninguém. Não fiz nada além do meu dever. Se alguém na minha posição, ou como Primeiro Mandatário do país, não toma as melhores decisões, e por medo ou compromisso fica de boca fechada diante da desonestidade e do abuso, esse homem merece desprezo. Qualquer homem que ponha os seus amigos na frente da pátria, esse homem merece desprezo. Não posso ficar quieto quando vejo o vandalismo tomar conta do povo. Não trato os inimigos da pátria como amigos.

REVISOR – Quem são os inimigos da pátria?

CREONTE – (*ignora a interrupção*) Com essas normas pretendo manter intacta a nossa terra.

REVISOR – Os jovens que ocupam as ruas são inimigos da pátria, coronel?

RELATOR – Consoante já manifestei em ocasião anterior, a interpelação direta do postulante nesta altura da instrução fere as normas estatutárias!

REVISOR – Diante dos acontecimentos recentes é indispensável retomarmos alguns questionamentos.

RELATOR – Tal decisão é de competência exclusiva da presidência da casa, e neste caso..

PRESIDENTE – Neste caso, a presidência concorda com novo questionamento.

REVISOR – As novas evidências em questão são as abundantes imagens veiculadas nas redes sociais mostrando a violência descabida da força de segurança, exercida sem provocação e...

RELATOR – (*interrompendo*) Não. Nisso, tenho de discordar...

REVISOR – ...as prisões injustificadas.

CREONTE – Nenhuma prisão que eu determino é injustificada.

PRESIDENTE – Como disse, coronel?

CREONTE – Algum dos senhores já enfrentou diretamente a multidão enfurecida?

REVISOR – Perdão, coronel, mas “multidão enfurecida” dificilmente se aplica à manifestação pacífica que vimos nas ruas.

CREONTE – O senhor esteve lá? (*com a mão direita dá um soco, aparentemente involuntário no braço da cadeira*)

REVISOR – Não, mas acompanhei pela televisão e pelas redes sociais. Comprovadamente, a violência começou depois da ação violenta da força de segurança, paradoxalmente intitulada “força pacificadora”.

RELATOR – Presidente, acredito que estamos tomando um rumo altamente irregular. Um ministro deste Supremo Tribunal não pode entrar em confronto pessoal com o analisando.

REVISOR – Tem razão. Encaminho então à presidência, uma moção para que sejam colocadas nas formas devidas as questões mencionadas.

PRESIDENTE – Muito bem. Temos uma questão severa e de graves consequências. É de conhecimento deste Supremo, coronel, que ocorreram numerosas prisões na repressão e que muitos desses detidos, a maioria, de fato, não foram libertados como reza a lei. Afirma-se que ocorreram torturas e execuções sumárias.

CREONTE – Não nego as prisões, que autorizei no exercício do papel que me foi atribuído pelo poder central, diante de situação irregular e, segundo meu juízo no momento, de alto risco para a força de segurança e para a paz social.

REVISOR – Coronel, vivemos numa democracia. É sabença geral que a paz social é abalada em sua legitimidade se são violados os direitos dos cidadãos.

CREONTE – Vândalos que destroem a propriedade privada e o bem público violam os direitos dos cidadãos.

REVISOR – No seu entender, a prática de delito no calor da manifestação popular justifica a atitude ilícita da autoridade? O ilícito deve ser...

CREONTE – Agi de acordo com minha consciência, não cometi ilícito. (*outro soco no braço da cadeira*) Reprimi e reprimirei com rigor qualquer perturbação da ordem estabelecida. A indicação de meu nome para Primeiro Mandatário partiu das ruas, do clamor popular.

RELATOR – Não posso admitir...

REVISOR – Excelência, por favor!

PRESIDENTE – Eu espero, coronel, que nada venha a comprometer a sua indicação para o cargo de comando de nossa nação. Devo observar, no entanto, que ocorreu uma mudança significativa entre o momento de sua aclamação popular e o momento atual. E a razão principal dessa mudança é a possibilidade de arbítrio, de abuso do poder no exercício da repressão. O senhor nega a ocorrência de tortura?

CREONTE – Nego. (*o braço direito tem um movimento espasmódico, que ele controla disfarçadamente com a mão esquerda*)

PRESIDENTE – Não preciso lembrar que o senhor se encontra sob juramento. Nega, portanto, a ocorrência de mortes decorrentes da tortura e ocultação de cadáveres?

CREONTE – Nego. Nego! Negarei sempre! Não sou assassino, sou um soldado. Ajo dentro da lei e da ordem. Ninguém foi morto sob

tortura, os que morreram foram mortos em combate. Em combate! (*o braço direito se retorce, convulso, em movimentos agressivos*)

REVISOR – Ah! Então o senhor admite que houve mortes.

CREONTE – Eu não tenho nada a temer, nada a esconder. Não devo nada a ninguém.

ANTÍGONA – (*levanta-se no meio do público e grita*) Deve! Deve! Me deve o corpo de meu irmão! Seu passado pode ser brilhante, mas eu acuso o senhor do assassinato de jovens inocentes...

Creonte se põe de pé instantaneamente.

Rapidamente, os dois guardas que estavam a postos de ambos os lados da plateia avançam para Antígona e a removem do teatro.

Creonte segura o braço direito que tem pequenos movimentos espasmódicos.

Senta-se.

ANTÍGONA – (*gritando enquanto sai com os guardas*) ... ele torturou, matou e ocultou o corpo de meu irmão, Polinices! Polinices! Polinices! (*sai*).

RELATOR – Inadmissível!

PRESIDENTE – Alerto os presentes que se houver qualquer outra manifestação, mando esvaziar a sala.

RELATOR – Peço vênua para observar que estamos entrando em terreno altamente irregular. Se pesa sobre o ínclito coronel, comprovado herói na defesa da pátria na guerra de 2068, uma suspeita de comportamento delituoso desse porte, errou este Supremo Tribunal, e não o postulante, ao permitir que as consultas chegassem até este ponto.

PRESIDENTE – Coronel Creonte de Meneceu, sua atitude não é menos desrespeitosa e não condiz com o futuro mandatário da nação. Peço que modere a ênfase de suas respostas, devida, sem dúvida, ao fato de o senhor saber que esta plenária tem função apenas consultiva e que o senhor não se encontra em julgamento, embora esteja sob juramento.

RELATOR – Presidente, se me permite...

PRESIDENTE – Não permito, ministro Relator. *(para Creonte)* Embora pessoalmente tenda a acreditar na possibilidade de mortes decorrentes de tortura nos porões dos quartéis, esta não é a oportunidade para julgar tal fato. Exige o estatuto que sua negativa seja aceita pela mesa. Saiba o senhor, no entanto, que darei prosseguimento a rigorosas investigações e caso se comprovem as acusações...

REVISOR – Na qualidade de revisor do processo, diante da gravidade da suspeita que pesa sobre o postulante, proponho o adiamento *sine die* desta votação.

RELATOR – Impossível! O país está acéfalo, o povo espera a nossa manifestação para...

PRESIDENTE – *(para o Revisor)* Não é o caso de retardarmos esta votação. *(para o Relator)* Tampouco está o país acéfalo: o conselho de ministros do qual fazemos parte mantém adequadamente o governo da república. Procederemos à votação, restando apenas uma averiguação. Um momento. *(tecla um código no tablet que tem diante de si)*

Ouvem-se ruídos eletrônicos e as luzes se apagam.

No monitor onde se via o close de Creonte, surge um documentário sem som, com imagem de baixíssima resolução, filmado com câmera na mão:

hospital improvisado numa barraca de campanha em plena zona de combate.

Creonte está sobre uma mesa, o ventre aberto. Na abertura ensanguentada, um médico termina de inserir um órgão biônico, um fígado, ou um rim, ou um pâncreas...

Uma enfermeira procede à sutura dos tecidos sobre o órgão transplantado. O braço direito de Creonte não tem quase músculos e nervos. Sobre a carne viva, o médico ajusta uma complexa prótese metálica, cheia de fios e circuitos.

A câmera, sempre com a instabilidade da movimentação manual, faz uma panorâmica pelo peito nu do coronel, intensamente dilacerado e se detém num close de seu rosto: está sujo, ferido, um buraco negro no lugar de uma órbita vazia.

Fusão para close do coronel sentado diante do Supremo Tribunal.

A luz volta a se acender.

PRESIDENTE – Coronel Creonte de Meneceu, o senhor está ciente de que a constituição da Coligação Internacional de Nações Aliadas proíbe de exercer cargo público de comando a qualquer cidadão, de qualquer nacionalidade, que conte com mais de 30% de seu organismo substituído por órgãos biônicos?

CREONTE – Estou ciente, presidente.

PRESIDENTE – Está ciente de que essa proibição tem por objetivo a proteção da espécie humana contra o risco de predominância da Inteligência Artificial?

CREONTE – *(enfurecendo-se aos poucos)* Estou! Estou ciente, presidente. Estou ciente! A senhora está ciente que essas próteses substituem órgãos que perdi no exercício do dever?

Defendendo as instituições da minha pátria, em última análise,
defendendo a senhora?

REVISOR – Coronel, sua atitude é de desacato a esta corte!

RELATOR – Ministros, excelências, meus caros colegas, procedamos à
votação final. Por favor.

PRESIDENTE – (*ignorando as interrupções*) Coronel Creonte, seu coração
é um órgão humano ou biônico?

Um segundo de silêncio e Creonte explode numa gargalhada.

Blackout.

Música.

CENA 3

ANTÍGONA – Ismênia...

ISMÊNIA – Antígona! Onde você estava?

ANTÍGONA – Procurando o corpo de Polinices.

ISMÊNIA – Para quê? Por que você está fazendo isso? Para que se expor
assim?

ANTÍGONA – Nosso irmão merece um enterro decente.

ISMÊNIA – Polinices está morto, Antígona. Está em Deus.

ANTÍGONA – Não!

ISMÊNIA – Não quero que você morra também.

ANTÍGONA – Para Deus tanto faz eu estar morta ou viva.

ISMÊNIA – É verdade. Mas você está viva e tem obrigações por isso.

ANTÍGONA – Tenho. E uma delas é honrar os mortos.

ISMÊNIA – Você pode honrar Polinices dentro do seu coração.

ANTÍGONA – Isso já está. É pouco. Eu quero ver a morte no corpo dele, como vi a vida. Quero que todo mundo veja a morte de um homem que acreditou que podia mudar o mundo...

ISMÊNIA – Ele sabia o risco que estava correndo.

ANTÍGONA – ... e não desistiu. Não se escondeu atrás de Deus.

ISMÊNIA – Não ataque as minhas crenças para defender as dele. Era o destino dele.

ANTÍGONA – Destino, Ismênia? Destino é o DNA. Que não se pode mudar. Como as cartas de uma jogada de baralho. Não posso mudar.

ISMÊNIA – Exato.

ANTÍGONA – Mas o que eu faço com as cartas é escolha minha. Sou eu que decido.

ISMÊNIA – Você acha que tem escolha no mundo em que a gente está vivendo? Você vai à televisão, cobra o corpo de Polinices do futuro mandatário do país, em público!

ANTÍGONA – Você viu.

ISMÊNIA – Vi. Eu estava assistindo. Prenderam você?

ANTÍGONA – E não foi me procurar?

ISMÊNIA – Eu não podia fazer nada. Fiquei rezando por você.

ANTÍGONA – *(breve riso seco)*

ISMÊNIA – O que eu podia fazer, Antígona?

ANTÍGONA – Pode me ajudar.

ISMÊNIA – Prenderam você?

ANTÍGONA – Pode me ajudar.

ISMÊNIA – Prenderam?

ANTÍGONA – Prenderam. Como prenderam Polinices.

ISMÊNIA – Você ficou com medo?

ANTÍGONA – Fiquei. Como Polinices deve ter ficado.

ISMÊNIA – Ai! Eu não aguentaria.

ANTÍGONA – (*breve riso seco*) Não. Você nunca aguenta nada. Foi uma longa noite.

ISMÊNIA – Te bateram? Te assustaram?

ANTÍGONA – Não. Nada. Não precisava me assustar mais. Você não faz ideia do que é uma cela no porão.

ISMÊNIA – Ai! Eu imagino.

ANTÍGONA – De manhã me soltaram.

ISMÊNIA – Como?

ANTÍGONA – Não sei. Talvez Hêmon. Não sei. (*tempo*) Ismênia, eu vou encontrar o corpo do nosso irmão.

ISMÊNIA – Como?

ANTÍGONA – Não sei.

ISMÊNIA – Por quê?

ANTÍGONA – Para pôr um fim na vida dele, completar, fechar. Não sei. Para ele poder morrer.

ISMÊNIA – O que você está dizendo? Ele está morto. Foi divulgado, confirmado: ele tentou fugir, foi atropelado por um caminhão, sem documentos... (*hesita*) ... enterraram (*chora*)

ANTÍGONA – (*breve riso seco*) Você não acredita nisso. Divulgaram nome, sobrenome, a idade, a foto dele. Tinham os documentos. Por que a pressa em enterrar? Ele foi torturado, Ismênia. Foi torturado e morto.

ISMÊNIA – E o que a gente pode fazer? O quê? Eu quero acabar com esse tormento.

ANTÍGONA – Eu também. Vou encontrar o corpo do meu irmão. Que é seu irmão também.

ISMÊNIA – Não me peça isso, Antígona, não me peça. (*chora*) Pobre de mim! Agora somos só nós duas. Você não pode se arriscar assim. Não vai encontrar nunca! É impossível!

ANTÍGONA – Enquanto estiver viva, eu vou procurar.

ISMÊNIA – E não vai encontrar. Não adianta tentar o impossível. Polinices está enterrado em algum lugar, não importa mais. Ele está vivo no nosso coração. Esqueça isso, Antígona, esqueça! Por que não reza comigo? Reze comigo. Por ele. Por você. E respeite a lei. Eu não tenho coragem de desafiar a lei.

ANTÍGONA – Que lei é essa, Ismênia, que arranca da vida um homem que não tinha nem trinta anos porque ousou gritar na rua que queria um mundo mais justo? Que lei é essa que prende, tortura e mata? Que lei é essa?

ISMÊNIA – (*aflita, agarra as mãos de Antígona para conter a emoção dela*) Não, Antígona, não! Você está dizendo as palavras dele! Não posso perder você também! Não posso! Eu morro se ficar sozinha! (*olha as mãos de Antígona*) Você... está com as unhas sujas de terra!

Black out

CENA 4

No monitor, o locutor de telejornal:

LOCUTOR – Aprovado pelo Supremo Tribunal, foi empossado como Primeiro Mandatário e Conselheiro junto à Coligação Internacional de Nações Aliadas, o coronel Creonte de Meneceu.

Alguns takes dos tumultos de rua, da repressão policial. Sobre a imagem, a voz do

LOCUTOR – Herói da Guerra Interna de 2068, o pelotão sob seu comando pôs fim ao conflito ao explodir o foco de resistência clandestina no coração da mata, em combate que quase lhe custou a vida. O coronel Creonte foi escolhido por plebiscito para o exame do Supremo Tribunal em virtude de sua atuação à frente da atual força de segurança, que lhe valeu a alcunha de “o Pacificador”. A demora do exame do Supremo Tribunal em ratificar a escolha deveu-se, sobretudo, ao recrudescimento das manifestações populares que, com sua experiência, o novo Mandatário saberá sem dúvida controlar.

No meio da notícia, Creonte entra por debaixo do monitor, o paletó da farda aberto ao peito, à vontade.

Avança até o centro, volta-se, assiste, satisfeito ao close do trecho final de seu discurso de posse. No vídeo, Creonte acena para interromper os aplausos e diz: “Não prometo a paz. Mas juro preservar a ordem e a tranquilidade. Obrigado”.

Apaga-se o telão.

Quando a luz se acende, vê-se que Creonte tem uma pequena câmera com luz vermelha no lugar do olho direito, dois pequenos orifícios metálicos nas têmporas, um de cada lado, dois outros de cada lado do pescoço, logo abaixo do maxilar, que não possuía antes e que não aparecem na imagem do monitor.

Entra o Guarda Mensageiro, muito ofegante e se imobiliza em posição de sentido.

Rapidamente, Creonte tira do bolso do paletó os óculos escuros e põe no rosto, ocultando o olho biônico.

CREONTE – O que foi? Fala!

GUARDA MENSAGEIRO – Não é por pressa que estou assim sem ar.

Vim e voltei, fiz meia volta tantas vezes para chegar aqui que o caminho não acabava nunca e eu andava como um trapo arrastado em cima de um tapete.

CREONTE – *(breve riso quase secreto)*

MENSAGEIRO – O senhor ri. Eu não.

CREONTE – Qual a dificuldade?

MENSAGEIRO – É difícil dizer.

CREONTE – O que você quer, rapaz?

MENSAGEIRO – Para mim só quero é a promessa de que não vou ser punido, porque não tenho culpa de nada.

CREONTE – Começou mal.

MENSAGEIRO – É que a notícia é ruim.

CREONTE – Por que não fala de uma vez? Se merecer castigo, sabe que vai ser castigado.

MENSAGEIRO – Tá bom. Eu falo. *(tempo)*

CREONTE – Então fale!

MENSAGEIRO – Mexeram numa vala comum.

CREONTE – *(com fria fúria, baixo)* Como assim, mexeram? Desenterraram algum corpo? Ninguém além de vocês, da guarda de elite, sabe da existência das valas comuns.

MENSAGEIRO – Não chegaram a desenterrar. Não tinha marca de roda. Nem pegada de gente. Nem de bicho. A gente só viu de

manhã. Deve ter sido na troca de turno. Ninguém viu nada. Só de manhã. De perto. Pessoalmente. Eu que vi. Começou uma briga. Todo mundo acusando todo mundo. Falaram que não dava para escapar. Tinha de contar para o senhor. Obrigação de soldado. Fui eu que vi, caiu para mim.

CREONTE – Pois volte e diga para os seus parceiros do destacamento de elite que são todos responsáveis. Se um for punido, todos serão. Se não me trouxerem quem tentou recuperar algum corpo, vão ser todos culpados. Sabe o que vai acontecer com vocês então, não sabe? Na minha mão, posso fazer um homem preferir a morte.

MENSAGEIRO – (*cambaleia um pouco, com se estivesse tonto*) Só mais uma coisa, coronel. O chefe do destacamento pensou... ele quer autorização... para instalar um sistema de monitoramento. Seis câmeras. Uma para cada vala. E gravadores de baixa velocidade.

CREONTE – Absolutamente! A vigia tem de ser pessoal. Presencial. Vinte e quatro horas. Sem documentação. Sem documentação! Entendeu?

MENSAGEIRO – Sim, senhor.

CREONTE – Repita.

MENSAGEIRO – A vala... tem de ficar... clandestina.

CREONTE – Secreta! As valas comuns são secretas. Localização, número de corpos, data de sepultamento. Sem registro, sem documentação. Secretas! Parte do sistema. Clandestino é o que está fora do sistema. Entendeu?

MENSAGEIRO – Sim, senhor.

Creonte sai.

O Guarda Mensageiro oscila, leva a mão ao capacete, quase cai.

Sai.

Mudança de luz.

Música.

CENA 5

O pequeno teatro grego surge em sua luz mortiça e oscilante, quase invisível no escuro total.

No monitor, o chuvisco de televisão fora de sintonia, o som chiado por cima da voz do coro.

No pequeno teatro, imagens bidimensionais, com as cores esmaecidas das pinturas gregas, ilustram o que o Coro fala.

CORO – Nada no admirável mundo novo ou velho é mais admirável do que o homem.

Camadas de ondas se movimentam e sobre elas um veleiro com as velas enfunadas atravessa o pequeno palco.

CORO – Levado pelo vento tempestuoso em meio às ondas que rugem à sua volta ele atravessa o mar sombrio.

O navio sai de cena, as ondas desaparecem.

Entra um cavalo puxando um arado, guiado por um homem, que maneja delicadamente um chicote e atravessam o pequeno palco.

À medida que passam, no rastro deles, vai crescendo uma vegetação luxuriante, enquanto o Coro diz:

CORO – Ano após ano, rasga com seu arado a Terra, mãe suprema dos deuses antigos, imortal e infatigável.

Na selva que se formou no pequeno palco, voam aves de toda espécie, entre as plantas, passam animais selvagens.

CORO – A tribo ligeira dos pássaros do céu, os animais selvagens...

Uma rede de pesca, passa, como uma cortina diante do pequeno teatro, com peixes de diversos tamanhos, moluscos, caranguejos, presos nela.

E desaparece do outro lado, deixando o pequeno teatro nu, a mata desaparecida também.

CORO – ...e os peixes do fundo do oceano com seu engenho o Homem captura na trama de suas redes. Doma a fera do alto dos montes, e com o jugo domina o cavalo de farta crina e o touro bravio das montanhas.

No pequeno teatro passa de um lado a outro um lindo cavalo saltando como um potro de rodeio, a crina ao vento.

Da direção oposta, avança um touro branco com chifres e cascos dourados, investindo de cabeça baixa. E sai.

No espaço vazio, entra um Homem branco, com as formas perfeitas de uma estátua grega, igual aos Polinices que lutaram antes no pequeno teatro.

Agora sem armadura, ele caminha com realismo e naturalidade, para no centro do pequeno teatro.

CORO – A fala e o pensamento mais veloz que o vento soube aprender sozinho como aprendeu as leis que regem as cidades e a proteger-se da neve e da chuva.

Em torno e atrás dele, brotam casas e pequenos prédios de estilo grego. Começa a nevar e uma fachada encobre o Homem da plateia.

CORO – Recursos tem para tudo e, sem recursos, em nada se aventura no futuro. Só a morte não consegue evitar, mas mesmo para as doenças inevitáveis encontrou remédio.

A cidade desaparece, o Homem está morto no pequeno teatro, exatamente como estava Polinices na cena anterior.

CORO – Mais inventivo do que seria de esperar, hábil no planejar que o leva um dia para o bem, um dia para o mal, se cumpre a lei sagrada de sua terra, grande é seu valor de cidadão.

Enquanto o Coro diz a fala anterior, o pequeno palco se apaga e desaparece.

No escuro, iluminado apenas pelo chuvisco da tela, o Coro diz:

CORO – Sem pátria, proscrito, exilado, odioso aquele que em sua alma escolhe o mal por orgulho.

CENA 6

O chuvisco na tela se funde com o close das mãos de Antígona cavando a terra.

Em cena, se acende um fogo:

Antígona faz os mesmos gestos do vídeo, cavando, cavando, cavando com as mãos.

ANTÍGONA – O que se diz para um morto?

O que é um morto?

Matéria.

Energia.

Passado. Um morto é passado, Polinices.

Não. Um morto é mais que passado. É futuro também.

É memória, é o tempo.

Nem sei se você está aqui. Se é você que está aqui.

Dá para sentir o cheiro. De sangue. De carne se desmanchando na terra. No planeta.

Logo você não vai mais ser você. Vai ser terra, a terra, o planeta.

Quem são estes? Tantos Polinices...

O que resta de um morto? Quanto tempo o corpo leva para virar pó?

Quanto tempo leva para ser esquecido? Totalmente esquecido?

Sábios, artistas não morrem. Quando tocam um prelúdio de Bach ele está vivo. Quando Janis Joplin grita por *Summertime* ela está viva.

Santos não morrem. Cada vez que Ismênia repete “o Senhor Jesus está vivo em nossos corações”, ele vive.

Guerreiros não morrem. Quantos Polinices anônimos, sem túmulo, como você, deram o sangue para construir o nosso mundo?

É para isso o rito: para lembrar. Para contar bobagens que envergonhariam o morto. “Lembra quando você tinha sete anos e dizia que não gostava de pensar no universo porque sua cabeça ficava suando por dentro?”

(sorri, chorando) Eu não te esqueço, não te esqueço, não te esqueço, meu irmão...

Se tivesse morrido de morte natural, velado e enterrado com a honra que se deve aos mortos, talvez eu esquecesse.

Mas não quando foi morto pelo arbítrio, roubado do mundo pela vontade de outro homem, eliminado por escolher a liberdade.

Eu vou achar o seu corpo.

Vou te entregar para o futuro como todo homem merece ser entregue.

Para a memória, para ser lembrado. Ninguém vai te esquecer.

É isso a vida eterna. Eu vou te encontrar, vou te encontrar.

Ela cava, cava, cava.

Entram dois guardas e a levam embora.

CENA 7

Guarda Mensageiro entra correndo, muito ofegante, chamando.

MENSAGEIRO – Coronel! Coronel!

Creonte entra: calça da farda, camiseta regata, toalha no pescoço, rosto ensaboado pela metade, navalha na mão, mas de óculos escuros.

Além dos orifícios na testa e no pescoço, vê-se que há outros, no alto dos braços, quase nos ombros, de ambos os lados.

CREONTE – Que foi?

MENSAGEIRO – A gente não devia jurar. Prometi que não voltava aqui.

Por causa da ameaça do senhor. Desta vez, eu mesmo quis trazer a notícia.

CREONTE – Respire. Descansar. Pode sair do sentido.

MENSAGEIRO – Estão trazendo para cá. Eu só vim para saber se estou livre.

CREONTE – Quem prendeu? Quem está trazendo?

MENSAGEIRO – Os outros que estavam de turno. *(cambaleia, quase cai)*

CREONTE – Tem certeza? Está melhor? Pode tirar o capacete e o peitoral. Respire.

Com um único movimento, o Mensageiro remove capacete e peitoral.

Os cabelos longos se espalham pelos ombros, por baixo da couraça surgem dois seios numa camiseta regata muito justa.

CREONTE – *(com desprezo)* Uma mulher!

MENSAGEIRO – Sim, senhor. Uma mulher.

CREONTE – Você, eu digo.

MENSAGEIRO – E ela.

Creonte acena para fora de cena, chamando.

Com a toalha, remove a espuma do rosto.

Entra um Guarda com o paletó da farda, que ele veste enquanto o Mensageiro fala.

O Guarda sai com a toalha e a navalha.

CREONTE – Quem foi que viu?

MENSAGEIRO – Foi assim: quando eu voltei, contei para os outros o que o senhor falou, qual era a pena. A gente revisou as valas comuns. Estava tudo em ordem. Só o cheiro, muito forte, porque tinha uns corpos meio descobertos. Por ela. Enterramos de novo. Ficamos vigiando de longe, bem acordado todo mundo. Até nascer o sol. Aí veio uma ventania, uma tempestade de areia, desfolhou as árvores, lixava a pele, queimava os olhos. O céu escureceu. Quando a poeira baixou, a gente viu a moça, cavando a vala seis. Com as mãos, coronel. Desenterrando um corpo. Não sei se estava cantando, se rezava. Dava pena. A gente correu, ela parou de chorar, disfarçou, falou que queria o corpo do irmão. Queria o corpo do irmão. Só falava isso. Não disse mais nada. Nem quando perguntamos como ela sabia das valas. Nem quando falamos da pena de prisão. Deixei os outros cuidando do transporte e vim correndo, a pé, para evitar o tráfego. Devem estar chegando com ela.

CREONTE – Quem é a moça? Perguntou o nome?

MENSAGEIRO – Sim, senhor. Antígona.

CREONTE – Antígona!

CENA 8

Antígona entra, algemada, a roupa e as mãos sujas de terra, o rosto e os braços vermelhos com vagos sinais de violência.

MENSAGEIRO – *(para Antígona)* Então, erga a cabeça. É triste ver alguém igual a gente nessa situação.

CREONTE – Guarda!

MENSAGEIRO – Mas eu tenho de pensar na minha segurança. Você não vai negar, vai?

ANTÍGONA – Não. Não nego nada. Pelo contrário, me orgulho.

CREONTE – *(para Mensageiro)* Pode ir, agora. Não tem do que ter medo. *(Mensageiro hesita, espera)* Cumpriu com seu dever, não vai acontecer nada para você. *(Mensageiro hesita. Creonte vocifera)* Vá!

Mensageiro se sobressalta e vai embora depressa.

CREONTE – *(para Antígona, em voz muito baixa e por isso mesmo mais assustador)* Antígona! Você... Eu devia saber quando você se manifestou no Supremo. Faz ideia de como foi difícil livrar você da cadeia? Eu, que jurei publicamente não colocar nunca o interesse de um homem, no caso, você, uma mulher, à frente do interesse da Pátria? Foi por meu filho que fiz isso, fique sabendo, seu noivo. Você, quase parente minha, seu irmão, sua irmã: víboras! Comiam na minha mesa e alimentavam uma conspiração, um conluio...

ANTÍGONA – Você matou meu irmão?

Longa pausa. O braço direito se contorce descontroladamente.

Ele aperta o ombro, ouve-se um breve ruído eletrônico e o braço se acalma.

CREONTE – *(responde com absoluta e assustadora frieza)* Não sou assassino. Nunca ocultei cadáveres, nunca cometi assassinato. Nem em 2068, nem agora. Agi sempre dentro da lei e da ordem. É muito atrevimento, muita insolência sua me acusar. Baixe a cabeça, menina, curve-se à lei! O aço duro demais se parte ao choque. O potro xucro se doma com um freio na boca. Quem deve obediência, não pode ser arrogante. Como sabia das valas comuns?

ANTÍGONA – Não foi difícil imaginar, com tantos desaparecimentos. Eu era criança em 68, mas não esqueci.

CREONTE – Você se atreve a desafiar a lei. Sabe o risco que está correndo?

ANTÍGONA – Sei.

CREONTE – Não tem medo?

ANTÍGONA – Tenho. Mas terror de novo, não! Prefiro morrer.

CREONTE – Terror fazia o seu irmão, Antígona! Polinices morreu por isso. Terrorista!

ANTÍGONA – Não! Terrorista é quem enfrenta gritos, paus e pedras com bombas e tiros. Quem prende e tortura covardemente.

CREONTE – Ninguém foi morto por tortura, nem em 2068, nem agora. Morreram todos em combate!

ANTÍGONA – *(breve riso seco)* Coronel, não sou militar. Sou cidadã. Civil. A lei que você invoca não pode ser mais forte que a lei não escrita, eterna, moral, que manda enterrar os nossos mortos. Com rito. Não como cães sem dono, sem nome, em valas comuns. Essa é a lei que eu obedeço, a lei não escrita, inevitável. E não vai ser por medo de homem nenhum, mesmo o mais arrogante, que vou desobedecer essa lei, a lei do coração. Infeliz como estou com a morte de meu irmão, morrer

para mim não teria importância. Me chame de louca se quiser, mas loucura é um homem achar que pode agir assim.

CREONTE – Não sou homem de me curvar a mulher nenhuma. Detesto quem tenta transformar seu erro em heroísmo. Sua rebeldia não tem nada de heroica.

ANTÍGONA – Me prenda então. Me mate como matou meu irmão.

CREONTE – *(todo seu corpo estremece pelas convulsões do braço biônico desgovernado, que ele torna a desligar com um ruído eletrônico)* Não. A sua morte seria indigna para mim. Você vai ser monitorada, cada gesto, cada passo, cada respiração sua será vigiada. Você... me pertence.

ANTÍGONA – Não tenho nada a esconder. Me entregue o corpo de meu irmão e nunca mais vai ouvir falar de mim. É só isso que eu quero: dar a meu irmão um funeral digno de um homem. *(indica o público com um gesto)* Eles todos concordam e aprovariam se não tivessem medo. Deve haver, entre eles, outros que perderam pai, mãe, filhos, irmãos, como eu. Mas a tirania não escuta a voz humana. Só a voz da lei.

CREONTE – Só você pensa desse jeito.

ANTÍGONA – Eles também.

CREONTE – Não tem vergonha de se isolar assim?

ANTÍGONA – Não é vergonha chorar alguém do mesmo sangue.

CREONTE – Seu irmão morreu lutando contra o direito. É um transgressor.

ANTÍGONA – Eu perdi um irmão, não um guerreiro.

CREONTE – Desafiando as leis.

ANTÍGONA – Por um sonho. Não se pode viver sem um sonho.

CREONTE – Um homem mau não pode ser considerado bom.

ANTÍGONA – Entre um e outro existem muitos outros.

CREONTE – O inimigo se odeia até depois da morte.

ANTÍGONA – Eu não nasci para odiar, nasci para amar.

CREONTE – Amor não existe. É dar o que não se tem, para alguém que não quer receber. Enquanto eu viver e governar, mulher nenhuma me dará ordens.

CENA 9

Entra Ismênia, muito pálida, os olhos e as pálpebras vermelhos de chorar.

CREONTE – Ah! A outra víbora. Que com certeza vai dizer que não sabia de nada.

ISMÊNIA – Se ela admite, então sou cúmplice. Aceito as consequências.

ANTÍGONA – Não é verdade. Ela não concordou, não foi comigo. Eu agi sozinha.

ISMÊNIA – Não se abandona uma irmã que está sofrendo.

ANTÍGONA – Não preciso de irmã que ama apenas com palavras.

ISMÊNIA – Não me impeça de honrar nosso irmão morto. Como eu posso ajudar?

ANTÍGONA – Salve-se, Ismênia. Não importa mais. Você escolhe a vida, mesmo indigna. Eu prefiro a morte. Para alguns, você vai estar certa, para outros eu.

ISMÊNIA – Não me diga isso. Você está viva.

ANTÍGONA – Não. Eu estou morta.

ISMÊNIA – Não perca a esperança, Antígona.

CREONTE – (*ri*) Esperança! A fraqueza da espécie humana.

ISMÊNIA – Não desanime, Antígona, a vida continua. (*abraça a irmã, canta com toda paixão*)

Nada poderá me abalar
 Nada poderá me derrotar
 Pois minha força e vitória
 Tem um nome
 É Jesus
 Quero viver tua palavra
 Quero ser cheio do teu espírito
 Mas só te peço, livra-me do mal.

CREONTE – Cale a boca, mulher! Está maluca?

ISMÊNIA – *(com surpreendente firmeza e rancor)* Não esqueça, coronel,
 que a minha igreja é sua aliada.

CREONTE – Isso é no Congresso, fanática! Em minha casa não tem Jesus,
 nem deus nenhum. Aqui mando eu! Mando eu! Guardas!
(Entram dois Guardas) Levem estas duas loucas para a casa
 delas. *(muito feroz)* Vocês serão monitoradas em casa, na rua,
 onde forem, a cada minuto do dia e da noite. Ela tem razão,
 vocês estão mortas. Sua vida me pertence, vocês são minhas.

Creonte sai.

Os Guardas conduzem Antígona e Ismênia para fora.

Ismênia vai cantando, baixinho:

ISMÊNIA – E quando enfim Jesus vier em glória
 Ao lar celeste então nos transportar
 Te adorarei prostrado e para sempre
 Quão grande és Tu! Meu Deus hei de cantar.
 Então minh'alma canta a Ti, Senhor
 Quão grande és Tu! Quão grande és Tu!

ANTÍGONA – *(por sobre a voz de Ismênia)* Não, Ismênia, não...

Saem.

CENA 10

Acende-se o monitor com o chuvisco chiando.

Iluminado apenas pelo contraluz do chuvisco do monitor, Creonte entra, senta-se na poltrona que um Guarda colocou no centro.

O Guarda entrega a Creonte dois cabos de força que vêm de cada lado do espaço.

O próprio Creonte conecta um em cada um dos conectores metálicos que tem agora de cada lado do peito.

Seu corpo se sacode em pequenas convulsões, enquanto a voz remota do Coro recita, de muito longe.

E misturado ao chuvisco, vê-se um close indistinto de Creonte, diferente do que é em cena, os cabelos longos, sem olhos, muito magro, mas nada disso se vê distintamente, e a imagem torna da desaparecer no chuvisco.

CORO – Serão felizes aqueles que vivem protegidos de todos os males? Será que resta ainda alguma calamidade aos filhos dos mortais que têm seus lares devastados pelos deuses? Uma geração nova não salva a outra, mais velha? Não há saída? É algum consolo a inútil esperança? Ou não passa de uma ilusão? Indiferente ao tempo que envelhece tudo? Em todo o futuro, assim como no passado uma só lei terá vigor: nada na vida do homem será imune à desgraça. Pois como diz a sabedoria antiga: aquele que um deus põe a perder acaba tomando o mal por bem.

Por baixo da voz do Coro, de muito longe, fora do teatro, ouve-se o coro da multidão entoando o refrão: Vem pra rua, vem! Vem pra rua, vem!

CORO – Mas eis Hêmon, o filho mais novo. Estará ele sofrendo com a separação de Antígona?

O coro da multidão lá fora fica mais forte.

CENA 11

Hêmon entra e para, atento ao barulho que vem da rua: gritos, bombas, tiros interrompem o vozerio.

Hêmon inclina-se sobre Creonte, que não registra sua presença, sacode a cabeça de um lado para outro, os olhos revirados, cegos.

O ruído do tumulto na rua se afasta depressa.

Silêncio. Só o chiado do chuvisco do monitor.

Hêmon hesita, mas decide-se, solta um cabo do peito do pai.

Creonte dá um grito e volta a si, mas continua ligado a um cabo.

O chuvisco do monitor se apaga, oscilando.

CREONTE – Filho! Melhor saber assim, pessoalmente que por comunicação, se você ficou com raiva de seu pai pelo afastamento de sua noiva. Ou continuamos amigos, independente dos meus atos?

HÊMOMON – Sou seu, meu pai. Só me oriento pelos seus conselhos. Nenhum casamento é mais importante que a sua orientação.

CREONTE – É assim que deve ser. Um homem reto, filho, não perde a cabeça por prazeres, por mulheres, porque o prazer esfria

quando a mulher é ruim. Recuse essa moça. Deixe que ela se case com alguém da sua laia. Alguém que transgride a lei e acha que pode impor sua vontade a quem detém o poder, nunca vai ouvir nenhum elogio meu. Quem, como eu, foi escolhido por seu povo, entre todos os homens, tem de ser respeitado em tudo. Em tudo. Um homem que foi obediente é bom governante, companheiro, firme, leal. O pior de tudo é a anarquia, o caos que transforma as ruas em desertos. A boa ordem não pode admitir o desafio de uma mulher. Se é para ser vencido, que seja por um homem. Nunca por uma mulher.

HÊMOM – Pai, você deve ter razão, quem sou eu para julgar. Mas outras pessoas também podem ter outras razões. A sua presença é muito forte, inspira medo, respeito e ninguém fala nada que possa parecer ofensivo. Mas eu não sou notado e escuto os rumores, as queixas do povo por causa dessa moça. “Nenhuma mulher merece ser condenada pelo que fez essa moça.” “É muito nobre ela querer o corpo do irmão”. “Só merece elogios ela querer enterrar o irmão”. É isso que se escuta na rua. Não, pai, não se zangue. Para mim, nada é mais importante que o seu respeito. Mas você não pode achar que só você está certo. Um homem que acha que só ele está certo, se afasta da verdade. Não é vergonha nenhuma aprender sempre. É atitude de sábio. Eu te peço, pai, modere a sua fúria. Sei que eu sou mais moço, não tenho a sua experiência, nem o seu conhecimento. Mas é como filho que te peço.

CREONTE – Acha que na minha idade tenho alguma coisa a aprender com você?

HÊMOM – Se o que eu digo estiver certo, por que não? Por que eu sou jovem? Olhe para o meu sentimento, não para a minha idade.

CREONTE – Você acha que defender rebeldes merece elogio?

HÊMÓN – Não estou defendendo nada de mau.

CREONTE – Vai me dizer que ela não é má?

HÊMÓN – Não é o que diz o povo.

CREONTE – O quê? Acha que o povo pode me dar ordens? Devo governar com a vontade alheia?

HÊMÓN – Nenhum país pertence a um homem só.

CREONTE – O país é de quem governa. Governar exige um sistema perfeito. Um sistema em que tudo se encaixa. Sob um comando único. Perfeito.

HÊMÓN – Pai, o que adianta um sistema perfeito num deserto?

CREONTE – Você é bem aliado dessa mulher.

HÊMÓN – Não, pai. Sou aliado seu.

CREONTE – Vai discutir com seu pai?

HÊMÓN – Agir assim é ofender a justiça

CREONTE – Não ofendo justiça nenhuma impondo o meu poder.

HÊMÓN – Você mesmo se desrespeita assim. E sabe muito bem o que todo homem no poder deseja.

CREONTE – O quê?

HÊMÓN – Mais poder.

CREONTE – (*contendo a fúria*) Um filho meu baixando a cabeça a uma mulher!

HÊMÓN – Não baixo a cabeça a ninguém. Só à verdade.

CREONTE – Tudo o que você diz é por causa dela!

HÊMÓN – Não. É por mim, por você, pelos vivos e mortos.

CREONTE – Não diga mais nada. Você ainda vai chorar por pensar assim!

HÊMÓN – Você quer falar o que bem entende e não ouvir resposta nenhuma?

CREONTE – Cale a boca! Escravo de mulher!

HÊMOM – Se não fosse meu pai, eu diria que está descontrolado.

CREOMTE – *(com fúria gelada)* É mesmo? Pois fique sabendo que diga o que disser, você nunca vai ter essa mulher. Se ela tentar escapar do monitoramento, um passo que seja, um milímetro, um segundo, vai apodrecer numa cela de prisão. E se quiser, meu filho, pode ver Antígona morrer com os seus próprios olhos!

HÊMOM – *(as lágrimas correm pelo rosto, sem que ele chore)* Guarde a sua fúria para os seus amigos mansos, domados no cabresto. Eu sou seu filho, herdei o seu orgulho. Se nada me impedir, você nunca mais vai me ver na sua frente.

Música.

Hêmon sai, lentamente, enquanto Creonte observa, imóvel.

Assim que o filho sai, Creonte tem um ataque de fúria e cai de joelhos, arranca o cabo do peito e chora violentamente.

Black out.

CENA 12

Acende-se o monitor, chia o chuvisco, a voz remota do Coro soa de muito longe.

CORO – Amor, invencível em todos os combates, Amor que se abate sobre os poderosos, que busca repouso na delicadeza das mulheres, que atravessa os mares e ocupa as mais humildes moradas! Nenhum dos imortais escapa de sua força, nenhum homem que vive breve vida. E perde o juízo quem te encontra. Amor que torna os justos injustos, para sua própria ruína e leva

a discórdia entre irmãos. O encanto que brilha no olhar da noiva ao leito prometida tem maior força que as leis da natureza. E eu mesmo me rebelo contra a lei sagrada e não consigo evitar as lágrimas, ao ver Antígona marchando por um mundo inóspito.

Música.

O monitor se fragmenta em dezenas de imagens de Antígona nas mais variadas situações no mundo real: caminhando na rua, fazendo compras no mercado, descendo uma escada, dormindo, olhando pela janela, subindo num ônibus, na cozinha, num corredor de prédio, caminhando na rua, dentro do metrô, subindo uma escada rolante, etc., etc.. Mas nenhuma atividade criativa que envolva efetivamente uma pessoa.

CENA 13

Antígona entra e se detém num extremo do palco, isolada num foco de luz, pequena diante da quantidade de pequenas telas com sua imagem que transbordam do monitor e ocupam todo o centro do palco.

ANTÍGONA – Minha cidade. Minha terra. Minha prisão. Sem grades. Nada me toca. Nem amigos, nem inimigos, nem parente algum. Nem armas que firam meu corpo, nem doenças que me aniquilem, nem viva, nem morta. E mesmo assim a escolha continua sendo minha. A liberdade sem crença, Polinices, é ainda pior que este insólito sepulcro a que fui condenada por não sei qual lei. Só por querer sepultar do seu cadáver, Polinices. Mas sei que no silêncio há muita gente que acha que o meu cuidado é justo.

Hêmon entra em cena no outro extremo do palco, isolado em outro foco, os dois separados pela multidão de pequenas telas com imagens de Antígona em diversas atividades.

Hêmon ergue a mão aberta num aceno a Antígona.

Ela acena, leva a mão à boca e acena, numa evocação do gesto de atirar um beijo.

Os dois se olham de longe, isolados em dois focos dos quais não conseguem sair, presos cada um na sua poça de luz

ANTÍGONA – Se eu perdesse um dia um marido muito amado, podia encontrar outro. E desse outro homem ter um outro filho, se um dia perdesse um filho. Mas minha mãe e meu pai estão mortos e outro irmão eu nunca mais terei. Essa a lei que obedeci, Polinices, a lei fatal que me faz honrar um irmão mais que a todo mundo. Creonte diz que eu sou rebelde, me impede o meu amor (*segura o ventre, gira a cabeça, arfando, suspira como se tivesse um breve e súbito orgasmo, agarra os seios*). Jamais terei um filho sugando no meu peito.

HÊMOM – Meu corpo bravio, Antígona, no teu abraço era um submisso animal doméstico. Dizem que o mediador entre a razão e as mãos é o coração. Cabeça, corpo, coração, sou todo teu. Inteiro. Sempre. Quem ama o poder como meu pai ama o poder esquece que o tempo de tudo se encarrega. Seu irmão um dia terá o enterro que merece. Eu te espero, Antígona, eu te espero.

O foco de Hêmon se apaga lentamente. Antígona estreme e sussurra:

ANTÍGONA – Polinices...

A música cresce. Seu foco se apaga

Black out

CENA 14

A música fica dilacerante.

No escuro estalam faíscas, raios riscam o espaço de um lado a outro do palco (bobina de Tesla).

A luz oscila irregularmente no escuro, vinda de vários ângulos, sempre muito fraca.

Creonte, de sunga apenas, avança na luz pulsante e senta-se na cadeira que está no centro do palco.

O braço e a perna direita revelam as próteses metálicas que se viu serem aplicadas no documentário projetado pela juíza-presidenta na cena 2.

O olho direito é uma pequena câmera que brilha, vermelha, na penumbra oscilante.

Os guardas trazem dos lados do palco cabos de força que vão conectando a vários pontos do corpo de Creonte.

À medida que os cabos são conectados, a tela do monitor se acende, espasmodicamente.

No chuveiro, aos poucos surge o rosto indefinido que já surgiu antes.

A imagem ganha definição. É o rosto do próprio Creonte, cabelos longos, muito magro e branco, as órbitas são dois buracos escuros, cegos, os ombros vestidos com uma roupa grega branca. É Tirésias.

TIRÉSIAS – Nosso caminho é um só e o mesmo, chefe de Tebas, dois homens vendo pelos olhos de um, através do tempo. Acredite no profeta.

CREONTE – Nunca desprezei o seu conselho, Tirésias.

TIRÉSIAS – Por isso até agora conduziu bem esta terra. Até agora. O rei desposa sua nação. Ele e ela são um. Ouça o oráculo: você corre perigo outra vez.

CREONTE – Por que?

TIRÉSIAS – Ouça os sinais. Com os sentidos que me restam, ouvi o clamor. É por sua causa, por suas decisões que o mal se abate sobre Tebas. O fogo sagrado da vida está poluído pela carniça, pelo cadáver de um homem: Polinices. Pense nisso, filho. Os homens erram. Mas quem comete um erro e se retrata não sofre pelo mal que fez. A intolerância só gera intolerância. Da violência só violência nasce. Ceda ao defunto! Não ataque um cadáver! Matar um morto é prova de coragem?

CREONTE – (*ruge, ronca, bufar baixo, em fúria contida*) Não! Não! Esse cadáver nunca vai ser encontrado.

TIRÉSIAS – Profanação!

CREONTE – Profanação é esse corpo ser enterrado com honras.

TIRÉSIAS – Ah! Quem um dia entenderá que um bom conselho é um tesouro?

CREONTE – E a loucura o pior dos males.

TIRÉSIAS – Você está doente, Creonte, doente desse mal.

CREONTE – Não vou insultar o oráculo.

TIRÉSIAS – Orgulho e amor ao poder geram o tirano.

CREONTE – Eu... sou... o Primeiro Mandatário...

TIRÉSIAS – E todo tirano ama o ganho sórdido.

CREONTE – Não tenho amor pelo ouro!

TIRÉSIAS – Outros à sua volta só vivem pelo ouro. Não existe invenção pior do que o ouro. Ele arrasa cidades, afasta os homens de seus lares, leva almas honestas aos atos mais torpes, avilta tudo o que há de humano, dá a ilusão do poder. Graças a mim você salvou essa nação. Como guerreiro a sua guerra era no campo, guerra de carne, sangue, suor e lágrimas. Rei, governante, seu inimigo está mais perto. Olhe e veja.

CREONTE – Mesmo um sábio pode ser injusto. Não tenho a ganância do ouro.

TIRÉSIAS – Não você talvez, rei! Os que te cercam. Não me faça falar.

CREONTE – Fale! Não tenho medo.

TIRÉSIAS – Falo: a corrupção do cadáver de um único jovem basta para gerar uma guerra. É sempre a corrupção que gera a guerra. E é a alma dos homens que te cercam que está corrompida. A alma dos políticos, dos banqueiros, dos doutores do saber, dos donos do poder. Corrompidos, corruptos, corruptos. Você não verá muitas vezes mais o carro do sol antes que caia sobre sua cabeça a sua arrogância. Toda ação gera uma reação, todo efeito tem uma causa. E a causa nunca está fora de nós. Não é a voz das ruas que atrai a sua violência. É o seu orgulho. Antígona não é ameaça porque se rebela contra seu arbítrio, mas porque você enxerga nela a sua audácia, a sua desmedida. (*Creonte grita*) Pior que matar quem se opõe ao seu mando, é lançar esses homens a uma cova rasa sem nome, sem direito a pranto e luto. Ninguém tem esse direito, nem você, nem os poderes que regem as alturas: isso é violência sua, violência contra os deuses e os homens! Cuidado Creonte, filho de Meneceu! A fúria do futuro está à sua espera. Ouça os

gemidos e protestos de homens e mulheres nas ruas. Se me desafia, eu falo: mas as flechas apontadas para o seu peito, são mais próximas e mais poderosas. Estão no arco em minha mão. E como dois homens vendo pelos olhos de um, nem eu, nem você erraremos o alvo. Elas hão de dilacerar seu coração.

A imagem oscila e se apaga totalmente.

Raios de Tesla atravessam o espaço, Creonte estremece, convulso em sua cadeira.

CREONTE – *(num uivo de animal ferido)* Tirésias! Não sei mais ceder! A minha vida inteira... acreditei que... não importa o homem, o que interessa é a humanidade. Isso é orgulho? Ou humildade extrema?

TIRÉSIAS – *(sua voz ecoa, o monitor pisca, oscila e se apaga ao fim da frase)* Cuidado, Creonte, filho de Meneceu!

CREONTE – O que eu tenho de fazer? Diga! Eu obedeço!

O rosto de Tirésias volta a aparecer no monitor, mesclado ao chuvisco, já remoto.

TIRÉSIAS – Libere a moça, entregue o cadáver, mande abrir um túmulo.

CREONTE – É o seu conselho? Devo ceder agora?

TIRÉSIAS – Sem mais demora, rei. E mova a guerra contra o inimigo maior. A pútrida corrupção da alma... Já o arco se retesa... as flechas... velozes... têm urgência de ar... de pureza... e logo...

A imagem oscila e desaparece.

Creonte tem pequenas convulsões na cadeira, ligado aos muitos cabos.

CREONTE – Como ceder? O sistema, Tirésias... (*chama*) Profeta?
Oráculo?

A imagem aparece ainda uma vez, oscila indistinta e se apaga definitivamente.

CREONTE – A perfeição do sistema... o sistema... a máquina do Estado...
O Estado... sou eu... Creonte de Meneceu...

Uma vibração sonora surge suavemente e fica mais forte.

Fora do teatro, ouve-se a voz da multidão na rua se aproximando, até o som entrar no teatro e dominar tudo:

Sem vi-o-lência! Sem vi-o-lência! Sem vi-o-lência!

Creonte estremece, convulso na cadeira.

Raios de Tesla cruzam o espaço, faíscas explodem nos cabos.

CENA 15

Entram Antígona e Hêmon, de mãos dadas, acalorados, sob o som da multidão.

Hêmon se aproxima de Creonte, Antígona fica longe.

HÊMOM – Pai? Você me chamou.

CREONTE – O corpo... enterraram o corpo?

ANTÍGONA – A multidão levou em cortejo os corpos de Polinices e dos outros. Foi mais do que eu queria: um funeral. Escute a voz da rua. Ele está em paz, Creonte.

CREONTE – Paz... é uma ânsia humana. Gozem a paz das ruas.

Hêmon desconecta o cabo do meio do peito de Creonte.

Ele dá um grito baixo de dor e agarra com as duas mãos o braço de Hêmon, suplica com os olhos e leva a mão de Hêmon a reconectar o cabo ao centro de seu peito.

Creonte sorri, aliviado.

CREONTE – Eu não existo mais. Eu sou a máquina... do Estado. Só a perfeição da máquina garante a limpidez do sistema. A paixão do ganho, filho, a paixão do ganho é a guerra que nenhum humano vence.

ANTÍGONA – A guerra acabou, Creonte.

CREONTE – (ri) Não. A guerra não acaba. Só existe a guerra.

Black out súbito.

Grande música.

No escuro, com o aplauso da plateia, acende-se, oscilante, uma pequena tela de monitoramento mostrando a própria plateia aplaudindo. E outro monitor, com um detalhe de dois ou três espectadores aplaudindo. E outro monitor, mostrando outro grupo. E outro monitor mostrando o corredor de saída do teatro, com os primeiros espectadores saindo. E outro com uma visão do estacionamento. E outro com uma visão da rua em frente ao teatro. Etc., etc..

Fim